

A INFLUÊNCIA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NA INTERPRETAÇÃO DA ARTE E DA CULTURA

THE INFLUENCE OF BEHAVIOR ANALYSIS ON THE INTERPRETATION OF ART AND CULTURE

Miriany da Silva Cano¹

Barbara Moreno de Araujo²

RESUMO: Apesar de não haver vasta literatura na análise do comportamento a respeito da arte, este artigo busca compreender qualitativamente através de materiais bibliográficos, os processos envolvidos na criação e interpretação da arte e da cultura, destacando a importância de considerar a interação entre o indivíduo e o ambiente e desta forma, partindo de pressupostos filosóficos do Behaviorismo Radical que embasam a Ciência da Análise do Comportamento. As considerações de B. F. Skinner ao longo de sua obra sobre o comportamento criativo permitem uma abordagem de aspectos relevantes do fenômeno, uma vez que a análise do comportamento permite identificar os padrões de comportamento envolvidos na produção artística, assim como os reforçadores que mantêm e modificam esses comportamentos. A relação entre estímulos externos e respostas “comportamentais” é fundamental para entender que a resposta criativa é produto dos mesmos processos de determinação que explicam outras classes de respostas operantes, e contingências que promovem a variabilidade comportamental, têm papel fundamental para sua ocorrência. Tendo por objetivo promover a compreensão acerca desse tema, atravessar e estudar a compreensão humana e suas organizações em grupos sociais e culturais, já que a arte pode também ser entendida como forma de comunicação verbal que permeia relações humanas.

Palavras-chave: Interação Indivíduo e Ambiente. Comportamento Criativo. Arte. Cultura. Análise do Comportamento.

ABSTRACT: Although there is not a vast literature in behavior analysis regarding art, this article seeks to qualitatively understand, through literature reviews, the processes involved in the creation and interpretation of art and culture, highlighting the importance of considering the interaction between the individual and the environment. In this way, it is based on philosophical assumptions of Radical Behaviorism that underpin the Science of Behavior Analysis. B. F. Skinner's considerations throughout his work on creative behavior allow for an approach to relevant aspects of the phenomenon, since behavior analysis enables the identification of the behavioral patterns involved in artistic production, as well as the reinforcers that maintain and modify these behaviors. The relationship between external stimuli and "behavioral" responses is fundamental for understanding that the creative response is a product of the same determination processes that explain other classes of operant responses, and contingencies that promote behavioral variability play a crucial role in their occurrence. Aiming to

¹ Graduanda do Curso de Psicologia do Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo.

² Docente do curso de Psicologia e Terapia Ocupacional do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. Mestre em Análise do Comportamento Aplicada pelo Instituto Par de Ciências e Tecnologia do Comportamento. E-mail: barbara.moreno@toledoprudente.edu.br - Orientadora do trabalho e responsável pelo Grupo de Estudos.

promote understanding of this theme, the article traverses and studies human understanding and its organization in social and cultural groups, as art can also be understood as a form of verbal communication that permeates human relationships.

Keywords: Interaction Individual and Environment. Creative Behavior. Art. Culture. Behavior Analysis.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Skinner (1981/2007) a arte é considerada um comportamento complexo e multifacetado que envolve diferentes dimensões e contextos, como a criação, a apreciação e a interpretação, contudo, pode ser “modelada por aproximações sucessivas”, ou seja, organizando-se em uma série gradual de contingências de reforçamento. Sendo assim, a criação artística é vista como um processo de modelagem de comportamento, no qual o artista é reforçado pela produção de novas obras, assim como pela apreciação das obras anteriores, como propriamente dito por Skinner (1974/2002), o comportamento é moldado tanto por reforços positivos quanto por reforços negativos, e assim ocorre a manutenção do comportamento dos indivíduos.

A apreciação da arte, por sua vez, segundo Skinner (1981/2007), se trata de características da espécie e práticas de uma determinada cultura que foram transmitidas de uma geração para a outra. Trata-se de classes de comportamentos com reforçamento derivado, no qual as pessoas têm respostas reforçadas pela experiência estética proporcionada pela obra de arte, ou seja, é relativo e depende da história de aprendizagem do observador da arte, ou por assim dizer, responder à uma obra de arte resulta da interação entre a história do sujeito e os níveis da filogênese e ontogênese, uma vez que “as pessoas não exercem determinadas práticas para que o grupo tenha maiores chances de sobreviver; elas as exercem porque grupos que induziram seus membros a exercê-las sobreviveram e a transmitiram” (Skinner, 1981/2007, p. 133). Sendo assim a apreciação da arte não detém valor de sobrevivência da espécie, mas sim de transmissão, e por meio disso a espécie humana evolui e continua a sobreviver e manifestar novos repertórios comportamentais “artísticos” ou “criativos”.

Por meio disso, a análise do comportamento considera a história de aprendizagem e o contexto social como variáveis importantes na compreensão da arte,

procedimento chamado de condicionamento operante, no qual novas respostas comportamentais são reforçadas (fortalecidas) pelos momentos que imediatamente às procedem. Segundo Moreira e Medeiros (2019), o condicionamento operante trata dos comportamentos que aprendemos em função de suas consequências, em função das modificações que produzem no ambiente, "falaremos de contingências R-S (ou R-C), nas quais uma resposta do organismo produz uma alteração, chamada de consequência." (p. 47):

Em suma, então o comportamento humano é produto de a) contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural das espécies (filogenética), e b) contingências de reforçamento responsáveis pelos repertórios adquiridos por seus membros (ontogenética), incluindo c) contingências especiais mantidas por um ambiente cultural evoluído. (Skinner, 1981/2007, p. 131)

Assim, pensamos que as contingências de reforço presentes na sociedade influenciam a produção e a recepção da arte, moldando as preferências visuais e os padrões de comportamento artístico. Dizemos que a visão do quadro (assim como qualquer outra obra), como um todo é discriminativo para certos operantes, estando relacionados a determinadas classes de respostas e classes de estímulos, estes dependem dos três níveis de variação e seleção.

A partir de materiais bibliográficos e dos pressupostos filosóficos do Behaviorismo Radical que embasam a Ciência da Análise do Comportamento, pretende-se discutir através de uma análise comportamental contextual sobre os processos criativos em relação ao comportamento do artista, e dos processos de apreciação em relação ao comportamento dos observadores.

2 OS PRINCÍPIOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADOS À ARTE

A arte e o comportamento criativo (este que podemos definir segundo Leite e Micheletto (2019), como um arranjo de comportamentos apresentados por um sujeito em que a principal consequência seja a modificação do ambiente de modo a intensificar o surgimento de seus próprios comportamentos “novos”), referem-se a:

Formação de classes de estímulos equivalentes: do surgimento de novas respostas por modelagem, imitação, instrução verbal e adução; indução da variabilidade comportamental por extinção ou intermitência do reforço; e reforçamento direto da variabilidade comportamental. (Leite; Micheletto, 2019, p. 374).

Refere-se a oportunidade de um ‘cenário’ em que um estímulo no ambiente pode evocar determinadas respostas, cobertas e encobertas, no observador, onde “um ou mais desses processos em combinação podem levar ao surgimento de novos comportamentos, que, uma vez seguidos por reforçamento, tornam-se parte do repertório operante do indivíduo em questão.” (Leite; Micheletto, 2019, p. 374).

Exemplificando a afirmação anterior, toma-se como base uma pintura abstrata, que pode causar diferentes reações em diferentes indivíduos, dependendo de suas experiências passadas e de suas preferências pessoais, assim como pode não provocar nenhuma resposta pré-determinada pelo artista criador da obra. Da mesma forma, uma escultura pode despertar sentimentos de admiração, curiosidade, medo ou tristeza, dependendo da interpretação de cada pessoa. É possível pontuar que não há uma resposta concreta sobre como a arte influencia ou é influenciada, compreende-se que ela mantém e cria repertórios comportamentais adjacentes, pois variações comportamentais, envolvem interpretações subjetivas da arte e de sua importância, assim como mantém as contingências que as produzem. De acordo com Skinner (1969), o artista que é verdadeiramente comprometido, que é o que nos interessa, e afirmaria que não possui a liberdade de decidir se será ou não um artista. Sua atuação não é fruto de uma escolha livre; ele deve, na verdade, criar com a mesma seriedade e necessidade com que come, respira e se protege. Por consequência, a arte deve ser compreendida como uma resposta relacional aplicada de maneira arbitrária (de Rose, 2023).

Skinner (1969), questiona sobre o por que, de fato, os artistas pintam seus quadros e por que as pessoas param e olham para eles ou ainda de outra maneira podemos substituir esse "por que" e usar o coloquial "para quê"; para que os artistas pintam quadros? Para que as pessoas olham para essas obras, imagens ou escutam músicas? Qual a sua função?; notamos que a palavra ‘para’ tende a apontar para o futuro, descrevendo o sentido das consequências de uma ação, ainda que em relações de singularidade, “esse tipo de interação indivíduo-ambiente está relacionada ao que tradicionalmente é chamado de ‘processo criativo’ nas artes, na ciência e na escrita literária” (Leite; Micheletto, 2019, p. 374). Aponta-se então que a razão pela qual fazemos determinada coisa são os acontecimentos que se seguem depois da ação (resposta), e são essas consequências do comportamento que se mostraram importantes para auxiliar na resposta: porque fazemos o que fazemos? ou deixamos de fazer alguma coisa?

seja criar ou observar um momento artístico; pode ser especificar mais as perguntas: mas o que faz um artista pintar seu primeiro quadro e se manter criando? e para além disso, o que faz com que a arte seja continuamente apreciada?

De acordo com Skinner (1969), as respostas do artista, para à pergunta do por que o artista pinta como ele, provavelmente não são melhores do que as de qualquer outra pessoa em diferentes situações e contextos, tendo a desvantagem de apelar para um mundo interior ou ‘espiritual’ que não apenas escapa a qualquer análise cuidadosa, mas está muito longe do acesso útil, já que “quando uma força causal é atribuída à estrutura, a seleção tende a ser ignorada” (Skinner, 1981/2007, p. 135), É pontuado que:

Supõe-se que, ao dar prazer ao artista, o libertamos das pressões do mundo. Libertá-lo de uma interação com o seu ambiente e permitimos-lhe fazer as coisas que decorrem da sua individualidade, dos seus impulsos criativos, do seu amor pela beleza, ou, se o seu trabalho carece de equanimidade, das lutas interiores, da necessidade de dar vazão às emoções tempestuosas, à agonia e à êxtase, os tormentos de sua mente. Ora, estas são, sem dúvida, explicações envolventes. Eles representam o artista como uma pessoa extremamente complexa que vive uma vida interior muito dramática. Dão-lhe crédito por iniciar, originar, criar coisas belas. Lisonjeiam o artista e não só o artista; lisonjeiam quem tem a percepção de ver que é por isso que o artista se comporta como ele. (Skinner, 1969, p. 2)

Tendemos a enxergar a arte como meio de liberdade, de fugir dos problemas e situações e externalizar sentimentos. Este raciocínio não interpõe no pensar sobre as contingências de reforçamento que sustentam qualquer processo de criação artística, desse modo, pode-se dizer que embora a arte seja tratada como um sinônimo de livre arbítrio, esta é determinada pela modelagem do comportamento, que direciona e mede a importância ou valor das ações (respostas) por suas consequências, uma vez que o condicionamento operante como anteriormente mencionado, é um processo recíproco, de via dupla, no qual qualquer organismo atua modificando o ambiente e o ambiente por sua vez reage modificando o indivíduo, resultados dessa interação moldam as probabilidades de comportamentos semelhantes ocorrerem no futuro (Skinner, 1987).

Isto explicaria parte da pergunta feita no parágrafo acima, "Mas o que faz um artista pintar seu primeiro quadro, ou criar sua primeira obra e se manter criando?", se são como já mencionado, as contingências que mantêm este padrão comportamental, pode-se afirmar, que

a arte não é sinônimo de libertação?; E a vontade de deixar marcas para um futuro o qual é sabido que não participará?; e não apenas os artistas, mas a humanidade deseja deixar sua história, tornar-se inesquecível e memorável; Não seria isto o mais próximo de livre arbítrio que poderíamos alcançar?, E o que seria de uma pessoa, se não as marcas que deixa para trás?.

Vincent Van Gogh, narra em uma carta ao seu irmão, Theo, em 14 de maio de 1882: "Os pescadores sabem que o mar é perigoso e que a tempestade é terrível, mas eles nunca julgaram esses perigos como razão suficiente para permanecer em terra.", é possível relacionar essa pequena citação poética à necessidade do organismo humano de variabilidade comportamental, neste sentido, somos tanto responsáveis por nossas ideias de liberdade, como somos aqueles que nos colocamos em nossas próprias cavernas. Assim a nossa existência baseia-se em uma dualidade nos processos que chamamos de histórico comportamental. Nesse ínterim:

As obras de arte fornecem estímulos aos quais os indivíduos geralmente respondem emocionalmente e perceptivamente, de acordo com suas histórias individuais. Haverá aspectos comuns a essas histórias, particularmente para indivíduos na mesma cultura e época, mas também haverá muitas características idiossincráticas.³ (de Rose, 2022, p. 5)

Liberdade na arte refere-se ao episódio comportamental em que o sujeito responde aos estímulos arranjados pelo artista (de Rose, 2022). Diante do fato de que o contato de cada pessoa com uma obra de arte tem uma história diferente, com a obra por si só e seus elementos, as respostas variam amplamente entre as pessoas observadoras e para a mesma pessoa em momentos diferentes de sua história de aprendizagem. Ou ainda mais precisamente:

Podemos dizer que a obra é diferente não porque os estímulos são fisicamente diferentes, mas porque a resposta evocada por esses estímulos é diferente. Se isso é verdade para diferentes épocas e culturas, também é válido para diferentes indivíduos na mesma cultura ou mesmo para o mesmo indivíduo em diferentes momentos. Quando lemos um livro uma segunda vez, ou ouvimos uma peça musical uma segunda vez, nossa história já mudou. A experiência de um amor infiel pode mudar drasticamente a maneira como um indivíduo responde, por exemplo, ao Otelo de Shakespeare ou ao Dom Casmurro de Machado de Assis. Mas a resposta mudará mesmo sem uma experiência de amor infiel. Nossa história no momento em que lemos o livro

³ Características idiossincráticas: São aquelas que se distinguem das demais, sendo próprias de um indivíduo ou grupo. (Enciclopédia significados, 2011)

novamente terá mudado em vários aspectos, e uma das muitas diferenças relevantes é que já lemos aquele livro antes! (de Rose, 2022, p. 5)

Muito “embora a arte seja influenciada pelas contingências culturais gerais, ela também pode promover mudanças culturais.” (de Rose, 2022, p. 4). Sendo assim, simultaneamente, o estudo da arte nos ajuda a entender como as obras de arte e produções criativas (músicas, quadros, fotografias, esculturas, literatura, artesanatos, etc.) podem influenciar o surgimento e segmento da cultura e da sociedade em sua completude, uma vez que, “a seleção por consequências é um modo causal encontrado unicamente em coisas vivas ou em máquinas feitas por elas. Foi reconhecida na seleção natural, mas também explica a modelagem e a manutenção do comportamento do indivíduo e a evolução das culturas” (Skinner, 1981/2007, p. 129).

A arte pode ser usada como uma forma de protesto, de crítica social ou de resistência ético-política, desafiando as normas estabelecidas e promovendo mudanças sociais; Skinner (1971) reflete, como a seleção baseada em resultados, controla o nosso comportamento e, portanto, nossas vidas. Então, a arte pode ser entendida também como uma forma de expressão e manifestação própria dos sujeitos, que tendem a utilizar como meio de exteriorizar comportamentos intrínsecos; “A arte deve confortar o perturbado e perturbar o confortável” (lema de um artista de rua inglês chamado Banksy (1974/75 - 2024).

Pode-se analisar a arte também, a partir de comportamentos com função de contra controle, as expressões artísticas são popularmente conhecidas por suas modificações ambientais, e dado que os “repertórios sociais inatos são suplementados pela imitação”, que “Resulta do fato de que contingências de reforçamento que induzem um organismo a se comportar de determinada maneira afetarão frequentemente outro organismo quando ele se comporta da mesma forma”. (Skinner, 1981/2007, p. 130)

Fundamentalmente, cria-se um repertório imitativo, que induz o imitador ao controle de novas contingências adquiridas (Skinner, 1981/2007). Dessa forma, a arte contribui para a previsibilidade comportamental, ao preservar, manter e celebrar a cultura e a identidade de um determinado povo, tribo ou momento histórico, transmitindo conhecimentos, situações, sentimentos, mitos e tradições de geração em geração, em algumas esferas tornando-se um registro histórico da vida de um determinado indivíduo.

Sendo o comportamento criativo pertencente ao repertório comportamental do sujeito, este tende a fazer parte das variáveis que moldam seu ambiente, sob a perspectiva do comportamento operante, “em última análise, obviamente, tudo isso é uma questão de seleção natural, uma vez que o condicionamento operante é um processo evoluído, do qual as práticas culturais são aplicações especiais.” (Skinner, 1981/2007, p. 131).

Em uma de suas cartas à irmã, Willelmina van Gogh, escrita em 12 de novembro de 1888, Vincent escreve, "Eu não sei se você entende que se pode fazer poesia apenas arranjando bem as cores, assim como se pode dizer coisas reconfortantes com música.", frase esta que expressa a ideia de que a arte, seja por meio das cores ou da música, pode evocar sentimentos e transmitir mensagens profundas. Van Gogh sugere que a beleza e a harmonia presentes na arte possuem um poder similar ao da poesia, onde a disposição estética dos elementos pode provocar emoções e reflexões. Essa afirmação destaca a interconexão entre diferentes formas de expressão artística e sugere que a apreciação estética é influenciada por contextos variados, como tempo, cultura e experiências pessoais (de Rose, 2022).

Em 1987, Skinner complementa essa ideia ao abordar a maneira como as pessoas interagem com a arte e o entretenimento. Ele observa que, embora as pessoas possam se envolver com experiências estéticas, como ver, ouvir ou assistir a algo bonito ou emocionante, o verdadeiro aprendizado e mudança de comportamento são limitados. Propondo que, ao jogar ou participar ativamente de uma atividade, as pessoas têm a oportunidade de fazer algo de forma repetida e, potencialmente, aprender com isso, mesmo que não obtenham lucro direto. Essa perspectiva sugere que a verdadeira interação com a arte vai além da simples apreciação passiva; envolve, em vez disso, uma participação mais ativa e reflexiva que pode levar a um entendimento mais profundo e envolver uma resposta relacional mais significativa.

Assim, tanto a citação de Skinner quanto a reflexão de Van Gogh enfatizam que a experiência estética é complexa e multifacetada, e que a forma como as pessoas se relacionam com a arte e a beleza pode ser moldada por uma variedade de fatores, resultando em diferentes formas de resposta e aprendizado, uma vez que, em uma análise comportamental, consideramos uma pessoa como um organismo, um integrante da espécie humana que desenvolveu um conjunto de comportamentos, através das contingências de reforço, muitas vezes complexas, gerando repertórios igualmente complexos. Como discutido, variações nas contingências podem moldar diferentes indivíduos, mesmo que compartilhem o mesmo ambiente. Por isso,

uma pessoa (artista ou telespectador) não é vista como um agente que unicamente cria percepções, mas sim como um ponto de convergência onde diversas condições genéticas e ambientais se encontram, resultando em um efeito conjunto. Dessa forma, cada indivíduo mantém sua singularidade inegável diante dos estímulos (Skinner, 1974/2002).

Ainda segundo Skinner (1974/2002) o comportamento criativo era inexplicável, antes da introdução do conceito de condicionamento operante, que permitiu o surgimento de uma explicação plausível da ocorrência de tal classe de comportamentos. É proposto pelo autor, que o processo responsável pelo surgimento de uma ideia, ou ação inédita, dita como criativa, são variações de comportamentos criativos que são selecionadas por suas consequências reforçadoras, como já mencionado em relação à arte anteriormente. Sabe-se que as variáveis ambientais responsáveis pela emissão de uma resposta (“ação”), nunca são exatamente iguais, toda resposta, mesmo que se assemelhe topograficamente a uma anterior, não é exatamente a "mesma" resposta, segundo o filósofo Heráclito, (aprox. 540 a.C.) "Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou", sob esta ótica, a criatividade, seria também bem explicada, como resultado da interação entre os três níveis de variação e seleção (filogenético, ontogenético e cultural).

Enuncia-se que não é possível moldar um comportamento, em específico comportamentos criativos que compõem os processos artísticos, sem que ocorra uma mudança ambiental, que por sua vez devolve essa mudança para o indivíduo, produzindo um movimento dialético de interações. Neste sentido, análise do comportamento entende que a arte, a cultura e os sistemas que os envolvem, são guiados por contingências que aumentam a probabilidade de sua ocorrência:

Presumivelmente, o homem primitivo teve que se libertar de uma preocupação constante com comida, abrigo e segurança antes de poder começar a decorar suas roupas, suas moradias, suas armas, seu corpo e, eventualmente, criar coisas sem outra função, além de ser decorativo. E quando grandes civilizações atingem o estágio em que podem proporcionar lazer a um número de pessoas, grandes períodos de arte geralmente começam. (Skinner, 1969, p. 1)

É por meio desses grandes períodos de arte que a cultura ‘surge’, se divide e multiplica, distinguindo-se e especificando-se em escalas cada vez maiores, em pequenos e

grandes sistemas de comunidades, chamados de movimentos culturais, por ser um composto de estímulos passíveis de transmissão entre pessoas (de Rose, 2023). Diz-se então que a cultura desempenha um papel importante na formação do comportamento das pessoas em relação a inúmeros aspectos, principalmente em relação à observação da arte. A relação com a arte difere de cultura a cultura, em algumas ela é vista como uma forma de expressão reprimida e de liberdade individual, enquanto em outras são apenas valorizadas e incentivadas, aquelas práticas características da região ou do povoado local.

É importante pensar para além do olhar subjetivo (com base em uma história de aprendizagem), caracterizado pelos espectadores e suas opiniões de apreciação, e também direcionar atenção para o processo criativo, desde o seu surgimento e ‘pensamento criativo’. “O importante sobre uma cultura assim definida é que ela evolui. Uma prática surge como uma mutação; afeta as probabilidades de o grupo vir a solucionar seus problemas; e, se o grupo sobreviver, a prática sobreviverá com ele.” (Skinner, 1974, p. 203) Em síntese, essas diferentes perspectivas e interpretações culturais influenciam a forma como as pessoas se relacionam com a arte e como ela é produzida e apreciada. Da mesma forma, é crucial considerar que a arte não apenas reflete a cultura, mas também atua como um agente de transformação social. Quando artistas abordam temas controversos ou exploram questões sociais por meio de suas obras, eles não apenas oferecem uma nova perspectiva, mas também provocam discussões essenciais que podem levar a mudanças significativas na sociedade. Essa função crítica da arte é observada em movimentos como o expressionismo, que surgiu como resposta às adversidades sociais e políticas, e o surrealismo, que desafiou as normas estabelecidas sobre a realidade. A arte, nesse sentido, não é um mero espelho da sociedade, mas um espaço de contestação e re-imaginação, onde novos comportamentos e valores podem emergir, moldando a cultura de maneiras inesperadas.

Ademais, a interação entre a arte e o comportamento criativo pode ser vista como um ciclo de retroalimentação. À medida que novas formas artísticas são criadas e apreciadas, elas geram novas experiências e contextos que, por sua vez, influenciam o comportamento dos indivíduos e das coletividades. Esse ciclo é evidente em movimentos artísticos que surgem em resposta a crises sociais, econômicas ou ambientais, onde a criatividade se torna uma ferramenta de resistência e resiliência. Sendo assim, a arte não só expressa a realidade presente, mas também tem o potencial de moldar futuros possíveis, incentivando a inovação e a adaptação

que são fundamentais para a evolução cultural. Ou seja, ao analisar a arte e o comportamento criativo, é imprescindível reconhecer a importância das interações dinâmicas que ocorrem entre os indivíduos, suas criações e o ambiente cultural que os envolve (Skinner, 1969).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresentada ao longo deste artigo ilustra como a abordagem behaviorista radical, conforme proposta por Skinner, pode ser aplicada ao entendimento da arte como um fenômeno complicado e múltiplo. A arte, tanto na sua criação quanto na sua apreciação, é analisada sob a ótica das contingências de reforço, que moldam o comportamento dos artistas e do público, esses reforçadores podem ser imediatos, sociais e tangíveis, como o reconhecimento e os recursos financeiros, além de reforçadores naturais e intrínsecos, como a satisfação derivada da auto expressão e da prática criativa. Essa perspectiva revela que a produção artística não é apenas uma manifestação individual, mas um reflexo dos três níveis de variação e seleção que permeiam a vida humana. Assim, o comportamento artístico é visto como um produto da história de aprendizagem coletiva e das práticas culturais que são transmitidas ao longo das gerações.

A interseção entre arte e análise do comportamento permite examinar o processo criativo, que abrange desde a concepção de ideias até a realização da obra artística. Uma vez concluída e disponível para observação, a obra de arte pode impactar o público, evocando respostas emocionais e eliciando respondentes, contribuindo assim para a modificação do comportamento dos observadores. Essas considerações fundamentam reflexões sobre a relação recíproca entre criador e espectador. Dessa forma, a apreciação da arte é entendida como um comportamento que resulta de uma interação dinâmica entre o observador e a obra. Cada experiência estética é influenciada por fatores históricos, culturais e pessoais, que moldam as respostas do indivíduo diante da arte. Essa interação, conforme discutido, se fundamenta na ideia de que a apreciação não é um ato isolado, mas um processo que é reforçado pela experiência acumulada ao longo da vida do observador.

Portanto, a resposta estética a uma obra de arte se torna um reflexo da trajetória de aprendizagem e das contingências que o cercam, destacando a importância do ambiente na

formação das preferências artísticas, bem como do processo criativo por trás da criação de novas obras. Logo, a relação entre comportamento e ambiente, enfatizada por Skinner, também se aplica à produção artística. Os artistas, ao criarem suas obras, estão imersos em um contexto que influencia suas escolhas e a recepção de suas criações. As contingências de reforço que operam no ambiente cultural podem promover ou inibir determinadas formas de expressão artística, moldando, assim, o repertório criativo dos indivíduos. Desse modo, a arte é uma prática que não ocorre em um vácuo, mas, sim, é permeada por fatores ambientais que impactam tanto a criação quanto a apreciação.

Certamente, é fundamental considerar que as práticas artísticas e as formas de apreciação não são estáticas, mas estão em constante evolução. À medida que novas gerações emergem e novas experiências são vividas, as contingências de reforço que influenciam a arte também se transformam. Isso sugere que a arte é um campo em que as tradições e as inovações coexistem, gerando um dinamismo que reflete as mudanças culturais e temporais. Portanto, a análise do comportamento artístico deve levar em conta essa fluidez, reconhecendo que as respostas estéticas e criativas estão sempre sujeitas a reconfigurações.

Em conclusão, podemos afirmar que a compreensão da arte por meio da análise do comportamento fornece uma lente para investigar tanto a criação quanto a apreciação artística. A perspectiva behaviorista radical nos permite reconhecer a importância das contingências de reforço nas práticas artísticas e estéticas, revelando a interdependência entre o indivíduo e seu ambiente cultural. Assim, este estudo contribui para o entendimento das dinâmicas que envolvem a arte. A arte, em suas múltiplas facetas, está intrinsecamente vinculada à existência da vida humana, e, não surpreendentemente, a psicoterapia contemporânea se relaciona diretamente à prática artística.

REFERÊNCIAS

ADRIANO PADILHA; *Et Al.* Língua portuguesa. **Significado de Idiossincrático.** Enciclopédia significados, 2011. Disponível em: Significado de Idiossincrático (O que é, Conceito e Definição) - Enciclopédia Significados Acesso em: 17 set. de 2024.

CANAL DOS BERREKAS. **Responder relacional, arte e cultura**, por Júlio de Rose. YouTube. Ano de lançamento: 2023.

Disponível em: .< <https://www.youtube.com/live/KLVuagQjIT8?si=EKJ3Q2JVgscgbyL0> >.
Acesso em: 17 set. de 2024.

DE ROSE, Julio César. Derived Relations and Meaning in Responding to Art. **Perspectives on Behavior Science**. 2022. Disponível em: .< <https://doi.org/10.1007/s40614-022-00334-1> >. Acesso em: 17 set. de 2024.

GUGGENHEIM Museum Archives Reel-to-Reel collection. **On the Future of Art: "Creating the Creative Artist"** by B. F. Skinner. 1969. Disponível em: 9009715_01_AB_edited_9009716_01-Creating-the-Creative-Artist.pdf (guggenheim.org)
Acesso em: 17 set. de 2024.

LEITE, Emerson Ferreira Costa; MICHELETTO, Nilza. Criatividade para Skinner como um comportamento complexo encadeado: Semelhanças e diferenças com resolução de problemas, autocontrole, tomada de decisão e recordar. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**. vol. 21, nº3,372.389. 2019.

MOREIRA, Márcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 02. Ed. 2019.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 1953/2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. What is Wrong with Daily Life in the Western World? in: Skinner, B. F. Upon Further Reflection. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, p.15-31. 1987. Traduzido por: Renata Cristina Gomes e revisado por Hélio José Guilhardi e Noreen Campbell de Aguirre.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Beyond freedom and dignity**. New York: Alfred A. Knopf, 1971.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo, Tradução de Maria da Penha Villalobos. 1974/2002.

SKINNER, Burrhus Frederic. Seleção por consequências. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, vol. 9, nº1, 129-137. 1981/2007.

VITTI, Gabriel Rodrigues; LAURENTI, Carolina; LOPES, Carlos Eduardo. **A arte na análise do comportamento: Aproximações e distanciamentos para com o classicismo e o romantismo**. 30º encontro anual de iniciação científica júnior. 2021.

WERNER, Camila. (Edit.). *et al*, **O livro da psicologia: As grandes ideias de todos os tempos**. São Paulo: Globo Livros, tradução Clara M. Hermeto, Ana Luisa Martins. 2ª edição. 2016.